

A docência em Educação Física em tela: usos dos métodos (auto)biográficos em processos de investigação e formação

RESUMO

Este texto objetiva dialogar com as escolhas teórico-metodológicas de duas pesquisadoras ao longo da formação inicial em Educação Física e na pós-graduação *stricto sensu* na mesma área, realizadas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Para tanto, elas recorrem às narrativas de formação para propor reflexões sobre desafios e potencialidades acerca das opções eleitas durante os trabalhos realizados. Como fonte, foram mobilizados diários de campo, memoriais de formação e dissertações elaboradas no período das investigações. Como implicações dessas escolhas, encontram-se os seguintes aspectos: enquanto prática de formação utilizada em cursos de formação profissional, foi possível perceber lacunas, dificuldades e receios inscritos no momento de reflexão e escrita da própria história; já como prática de investigação, o método (auto)biográfico pode colaborar com a compreensão de trajetórias docentes, bem como com a produção de reflexões sobre como as/os docentes têm chegado e permanecido na profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisas (auto)biográficas; Narrativas de formação; Formação docente; Educação física

Ândrea Tragino Plotegher

Mestrado em Educação Física
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Departamento de Educação Física,
Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, Brasil
andreat.plotegher@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7778-2472>

Aline Britto Rodrigues

Mestrado em Educação Física
Instituto Federal da Bahia, Campus
Eunápolis, Brasil
alinebrittorodrigues@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1307-3191>

Elisandro Schultz Wittizorecki

Doutorado em Ciências do Movimento
Humano
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Departamento de Educação Física,
Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, Brasil
elisandros@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7825-0358>

Teaching in Physical Education on screen: uses of (auto)biographical methods in research and education processes

ABSTRACT

This text aims to dialogue with the theoretical-methodological choices of two researchers during their initial education in Physical Education and in the stricto sensu postgraduate course in the same area, carried out at the Federal University of Espírito Santo (UFES). To this end, they resort to formation narratives to propose reflections on challenges and potentialities regarding the options chosen during the work carried out. As a source, field diaries, formation memorials and dissertations prepared during the investigation period were mobilized. As implications of these choices, there are the following aspects: formation practice used in professional education courses, it was possible to perceive gaps, difficulties and fears inscribed in the moment of reflection and writing of one's own history; as a research practice, the (auto)biographical method can collaborate with the understanding of teaching trajectories, as well as the production of reflections on how teachers have arrived and remained in the profession.

KEYWORDS: (Auto)biographical research; Formation narratives; Teacher education; Physical education

Destacando la docencia en Educación Física: usos de los métodos (auto)biográficos en procesos de investigación y formación

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo dialogar con opciones teórico-metodológicas de dos investigadoras durante su formación inicial en Educación Física y en el posgrado stricto sensu en la misma área, desarrollados en la Universidad Federal de Espírito Santo (UFES). Para ello, recurren a narrativas formativas para proponer reflexiones sobre desafíos y potencialidades en torno a las opciones escogidas durante el trabajo realizado. Como fuente se movilizaron diarios de campo, memoriales de formación y disertaciones elaboradas durante el período de investigación. Como implicaciones de estas elecciones, encuentran siguientes aspectos: como práctica formativa utilizada en los cursos de formación profesional, ha sido posible percibir vacíos, dificultades y miedos inscritos en el momento de reflexión y escritura de la propia historia; como práctica de investigación, el método (auto)biográfico puede colaborar con la comprensión de las trayectorias docentes, así como con la producción de reflexiones sobre cómo profesores han llegado y permanecido en la profesión.

PALABRAS-CLAVE: Investigación (auto)biográfica; Narrativas de formación; Formación de profesores; Educación física

PALAVRAS INICIAIS

*Talvez seja este o sentido mais exato da alfabetização: aprender a escrever a sua vida como autor e como testemunha de sua história, isto é, **biografar-se, existir-se, historicizar-se** (FREIRE, 2020, p. 12, grifo nosso).*

Consideramos que o ato de narrar é uma capacidade que todos os humanos possuem e se apresenta como uma característica infinita e variável. Para Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 91), “parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal”.

Até mesmo os textos científicos podem ser configurados “de forma elaborada, coesa e parametrizada, em narrativas: narram descobertas, compreensões, interpretações, recomendações” (WITTIZORECKI et al., 2007, p. 10). Acordadas com essas inferências, neste trabalho, buscamos dialogar com a compreensão das nossas escolhas teóricas e metodológicas durante a formação inicial e a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) em Educação Física, ambas realizadas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Nas ocasiões, focalizamos a constituição docente nessa área, ora como estudantes da graduação, ora como profissionais em atuação. Com esse intuito, recorreremos às narrativas de formação (CHENÉ, 2010) para abordar os desafios e as potencialidades acerca dos caminhos percorridos durante as investigações-formações que realizamos.

Nessa esteira, Chené (2010, p. 132) presume que “a narrativa de formação apresenta um segmento da vida: aquele durante o qual o indivíduo esteve implicado num projeto de formação. Assim, com a produção de uma escrita, constrói-se a experiência de formação”. Nos relatos, também destacaremos as nossas relações com a escrita, com as/os colaboradoras/es das pesquisas realizadas, com os espaços e com os conhecimentos que acessamos ao longo dos processos. Afinal, as reflexões construídas ao longo dos percursos ajudam na compreensão de quem nos tornamos e de como nos percebemos na profissão.

Ainda nesse sentido, acreditamos que as narrativas das nossas próprias experiências – “autobiografização” – e os aprendizados constituídos com base nas experiências de outrem – “biografização” e “heterobiografização” – estão presentes na nossa humanidade e corroboram a nossa caracterização “como seres pensantes, capazes de sentir, inferir e expressar emoções, razões, desejos, intencionalidades” (PASSEGGI, 2021, p. 4).

Em nossa narrativa, optamos pelo referencial teórico que tece sobre os métodos (auto)biográficos, a partir de Josso (2004, 2014), Nóvoa (2010), Chené (2010), Passeggi (2006, 2010, 2021) e Delory-Momberger (2016). Esta última nos sugere que pesquisas dessa natureza são

quase sempre conduzidas ou coconstruídas junto a outros sujeitos e, em diferentes graus, persistem por “objetivos individuais e coletivos de formação, de valorização dos recursos e das potencialidades, de produção e partilha dos saberes, de emancipação, de poder de agir, de transformação social e política” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 145).

A motivação para esta escrita partiu da seguinte questão: de que modo as escolhas teóricas e metodológicas de duas pesquisadoras durante a formação inicial na graduação e na pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) em Educação Física podem desvelar sentidos e significados de ser e estar na profissão docente?

O desenvolvimento deste trabalho justifica-se, então, pela possibilidade de compartilharmos reflexões sobre os usos e as apropriações dos métodos (auto)biográficos e suas relações com a formação permanente. Com este estudo, portanto, esperamos também provocar reflexões em outras/os docentes que assim se sentirem concernidas/os, além de instigar investigações e/ou formações (no âmbito da Educação Física ou não) ancoradas nas metodologias focalizadas em nossas trajetórias, de forma a produzir outros conhecimentos sobre/com narrativas formativas diversas.

Aprendendo a escrever nossas vidas como autoras, ou seja, (auto)biografando-nos, organizamos o próximo tópico em dois segmentos. Ambos evidenciam nossas análises sobre os caminhos teóricos e metodológicos assumidos nessa constituição docente. Os elementos que apresentaremos a seguir revelam ainda a nossa compreensão sobre o modo como percebemos o que fomos, o que estamos sendo e o que almejamos ser.

DESENHANDO NOSSOS CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Ainda bem que o que [vamos] escrever, já deve estar na certa, de algum modo, escrito em [nós]. [Temos é que nos copiar] (Clarice Lispector).

Neste tópico, discorreremos sobre os nossos caminhos investigativos, destacando nossas aproximações com os métodos (auto)biográficos, além das potencialidades e das dificuldades com as quais nos deparamos devido às escolhas que fizemos. No subtópico 2.1, há o diálogo com as experiências da pesquisadora Ândrea e, no subtópico seguinte, da pesquisadora Aline.

Tornar-se professora de Educação Física: os usos dos métodos (auto)biográficos na formação inicial

No embaraçamento das minhas memórias¹, levando em consideração a constituição da docência em Educação Física, reflito sobre trajetórias formativas, apropriando-me do ato de narrar a/sobre si mesmo. Neste processo contínuo, cada vez mais suscitam questões a serem pensadas. Quanto a isso, Garcia (2003, p. 16) afirma que essa prática reflexiva gera questionamentos, porque “hoje sabemos que a dúvida, a incerteza, a insegurança, a consciência do nosso ainda não saber é que nos convida a investigar, e investigando, podemos aprender algo que antes não sabíamos”.

Apoio essas práticas no método (auto)biográfico, caracterizado como uma abordagem de formação centrada no ponto de vista da/o adulta/o aprendente, como uma perspectiva de investigação-formação. Esse tipo de abordagem parte da ideia do/a professor/a como pessoa, daí a necessidade de articular a identidade pessoal e a identidade profissional (NÓVOA, 1995; JOSSO, 2004; GOODSON, 2008; NÓVOA; FINGER, 2010).

Ao rememorar o período da graduação em Licenciatura em Educação Física, coloco em evidência as marcas da formação inicial durante o processo de ensino e aprendizagem, relacionando-as com os saberes, as competências e as implicações na construção da identidade docente. Esse resgate demanda um olhar reflexivo da trajetória pessoal e profissional, ou seja, do movimento que se deu até “tornar-me professora”². Para auxiliar nesse percurso de compreensão, contei com a colaboração das/os professoras/es-formadoras/es, a partir de uma perspectiva formativa, na qual as/os discentes foram instigadas/os a pensar e a refletir sobre a sua história e a própria prática pedagógica (SCHON, 2000), na (re)construção de identidade docente.

Nesse sentido, a minha primeira experiência com a escrita narrativa ocorreu na unidade curricular do currículo de formação, denominado Seminário Articulador de Conhecimentos (SAC)³. Nele, conduzi, como proposta pedagógica, a constituição de um portfólio como um dispositivo

¹ Em primeira pessoa do singular por se tratar das experiências da Ândrea.

² “Tornar-se professora” é uma expressão utilizada por Fontana (2002) em sua obra “Como nos tornamos professoras?”.

³ Em nota, no artigo “Formação inicial e currículo no CEFD/UFES”, os autores explicam a proposta do SAC: unidade curricular que oficializa um tempo de reflexão coletiva com as/os acadêmicas/os de cada turma, por período. Eles são obrigatórios e têm a finalidade de articular os saberes mobilizados nas respectivas disciplinas curriculares obrigatórias ofertadas a cada semestre. A ideia central dessa unidade curricular é que professoras/es que estudem o processo de formação inicial possam acompanhar e promover o debate sobre o processo de construção/produção do conhecimento vivido e necessário à formação do/a professor/a de Educação Física que irá atuar na educação básica. É um momento de diálogo, que privilegia a exposição – e a escuta – da percepção que as/os licenciandas/os estão tendo do seu processo de formação para que, a partir dessa escuta, possam ser produzidas sínteses coletivas e significativas do conhecimento vivido para que ele se torne praticado (PAIVA; ANDRADE FILHO; FIGUEIREDO, 2006, p. 229).

formativo (TARTUCE; DAVIS; ALMEIDA, 2021) que focaliza a escrita como elemento central na sistematização das aprendizagens. Ao longo de toda a formação, esse instrumento se consolidou em um caderno individual, ou seja, durante todo o semestre, ele foi adotado pela unidade curricular em questão. Sua ementa se constitui pela “reflexão coletiva acerca da articulação dos conhecimentos produzidos no primeiro período numa perspectiva interdisciplinar. A partir destas reflexões produzir um diagnóstico da realidade da prática profissional e suas relações com o processo de formação” (BRASIL, 2014, p. 18).

O material em questão foi proposto com o objetivo de assegurar às/aos discentes em formação um espaço para relatar as vivências/experiências antes do ingresso e no decorrer da graduação, assim como as práticas de ensino, os estágios supervisionados, entre outras experiências em que se sentissem convidadas/os a refletir e fazer os registros. Além disso, também foi um material pensado a partir da articulação das disciplinas de cada semestre, na reconstrução dos sentidos atribuídos ao processo formativo de modo individual e coletivo.

O uso do portfólio, considerado, a princípio, uma “fonte de registros”, se apresentou como um instrumento que talvez tenha sido o meio com o qual eu tive maior identificação durante a formação. Esse espaço possibilitou a elaboração dos relatos e das discussões sobre os momentos-chave da graduação, embora, em um primeiro momento, tenha se configurado apenas como descrição dos fatos, dos acontecimentos e dos eventos, ausentes de uma prática reflexiva, a respeito da influência na constituição dos saberes e conhecimentos para a docência. Em um segundo momento, as dificuldades e os desafios dessa escrita foram reconfigurados com base nos diálogos estabelecidos entre as/os professoras/es-formadoras/es e as/os estudantes, pautados em uma mediação biográfica (PASSEGGI, 2011), cujos registros foram acompanhados por percepções e sentidos singulares e plurais.

Tartuce, Davis e Almeida (2021, p. 11) também avaliam a utilização do portfólio e consideram que as/os formandas/os “aprendem, na interação com seus pares e com o supervisor, a fazer da escrita um meio para identificar, refletir e aquilatar o desenrolar de suas próprias aprendizagens, os progressos alcançados e as necessidades formativas a serem supridas”. Para Caparróz (2009, p. 49), o portfólio possibilita aprendizagens e reflexões, uma vez que é “um instrumento, uma ferramenta para o professor, no sentido de se conhecer, se questionar, se formar, se auto-avaliar, se pensar no passado, presente e, perspectivar-se para o futuro como docente, a partir de seus registros no portfólio”.

Dentro desse espaço reflexivo, destaco as rupturas, tensões, desafios e mudanças de se pensar e fazer a Educação Física, a compreensão do campo nas suas diferentes perspectivas históricas, sociopolíticas, econômicas e culturais, os tempos/espços do cotidiano escolar e os atores

sociais que influenciaram na construção da docência. Destaco, assim, que a Educação Física até então experienciada passou a ser (des)construída, pois houve uma (re)invenção da identidade docente e, por conseguinte, a emergência de (re)pensar a docência, a escola e a educação física.

Vale dizer que todos esses tópicos surgiram ao longo das escritas das narrativas e foram incluídos no portfólio. Ao fim da jornada da formação inicial, resalto a utilização do instrumento como fonte documental na elaboração do memorial de formação, caracterizado por ser escrito durante o processo de formação inicial (ou continuada), acompanhado e orientado por um docente e defendido no formato de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) (LINHARES; NUNES, 2008).

Considerado um gênero acadêmico autobiográfico (PASSEGGI, 2011), no curso de Educação Física, é caracterizado por proporcionar uma prática reflexiva sobre as experiências sociocorporais (FIGUEIREDO, 2008) e como um espaço de pensar a identidade docente sendo (re)construída. Nesse sentido, o memorial ganha um caráter formativo (compreensão de si para si) e avaliativo (compreensão de si para o outro), à medida que ocorre um retorno do sujeito para o centro da formação/investigação e passa a ser defendido perante uma banca examinadora (PASSEGGI, 2006).

Nessa mesma ocasião, dialoguei com os estudos de Passeggi (2010, p. 1), que o compreende como um

Texto acadêmico autobiográfico no qual se analisa de forma crítica e reflexiva a formação intelectual e profissional, explicitando o papel que as pessoas, fatos e acontecimentos mencionados exerceram sobre si. Adota-se a hipótese de que nesse trabalho de reflexão autobiográfica, a pessoa distancia-se de si mesma e toma consciência de saberes, crenças e valores, construídos ao longo de sua trajetória. Nesse exercício, ela se apropria da historicidade de suas aprendizagens (trajeto) e da consciência histórica de si mesma em devir (projeto). Convém lembrar que o retorno sobre si também conduz a pessoa a se ver como os outros a veem. E isso implica contradições, crises, rejeições, desejos de reconhecimento, dilemas...

A ideia do memorial é justamente direcionar as/os alunas/os no sentido de serem cuidadosas/os ao ligarem os fios que entrelaçam os fatos entre si, explicando o que e como provocaram efeitos formadores na sua vida pessoal e profissional. Para Passeggi (2006, p. 209), isso ocorre por meio da relação entre as/os alunas/os e a/o professora/o e da necessidade de uma explicitação biográfica, que “visa aguçar o olhar do sujeito para focalizar e construir experiências trans/formadoras”.

Esse olhar reflexivo é necessário para que as vivências, que são múltiplas, sejam transformadas em experiências formadoras. Para melhor entender esse conceito, aproprio-me de estudos desenvolvidos por Josso (2004). A autora enfatiza a ideia da experiência como formadora –

aquela que está na perspectiva do processo de formação, de conhecimento e de aprendizagem do ponto de vista das/dos adultas/os aprendentes –, em consolidação ao longo da trajetória de vida. Logo, há o entendimento de que as pessoas estão em constante formação, por isso o uso do termo “aprendente”, que atribui, assim, características como “dinâmico” e “em movimento” para a ideia da formação, sendo fácil “compreender que o conteúdo da formação não se constitui num constructo estático e permanente” (CUNHA, 2010, p. 129).

Goodson (2008), ao abordar o uso das histórias de vida, nos alerta para a necessidade de localizar os contextos nos quais os sujeitos estão envolvidos. De fato, ao tratarmos sobre identidade, sabemos que a subjetividade não é possível fora dos contextos sociais, daí a importância da concentração da teoria de contexto.

Ao desenvolver dialeticamente teorias da contextualidade, poderemos ligar nossas “estórias”, “narrativas” e “vidas” a padrões mais amplos de estruturação e de organização social. Por isto, a concentração em teorias de contexto constitui, efectivamente uma tentativa de resposta à crítica de que o escutar das vidas e da sua narrativa valoriza a subjectividade do indivíduo impotente (GOODSON, 2008, p. 24).

Observa-se nesse sentido que a estrutura, a organização e o *modus operandi* dos cursos de formação profissional são baseados na lógica dos estudos que têm objetos definidos previamente, imbuídos em investigações pelo saber disciplinar e pela objetividade. Portanto, o deslocamento que se origina da utilização dos métodos (auto)biográficos na formação docente provoca alguns desapontamentos à medida que os sujeitos participam de um projeto investigativo-reflexivo em que “sujeito e objeto se sobrepõem” (JOSSO, 2004, p. 214). Esses aspectos causam estranhamentos e dificuldades na escrita do memorial de formação situado entre textos acadêmicos. Para Passeggi (2010, p. 19), “o narrador nesse tipo de escrita oscila entre a resistência à pressão institucional, que ‘obriga’ o candidato a refletir sobre a história de sua formação intelectual e profissional, e o fascínio da escrita autobiográfica, que desencadeia o prazer de escrever sobre si mesmo”.

Esse exercício de compreensão da identidade docente por meio das experiências formadoras constituiu o memorial de formação intitulado “Espaços/Tempos de Formação Inicial: a constituição de experiências em um curso de Licenciatura em Educação Física” (PLOTTEGHER, 2014), em que a minha história de vida é tomada como objeto de investigação. Esse momento foi pertinente para que eu pudesse me reconhecer no processo e para delinear quais os próximos passos a serem dados.

A aproximação com os métodos (auto)biográficos me instigou a continuar no campo dos estudos da formação de professoras/es em Educação Física, mas com um olhar direcionado para as/os estudantes na relação com as suas experiências formadoras e com a profissão docente. Sob essa

perspectiva, concluí os estudos do mestrado, quando delimiti, como instrumentos principais (PLOTTEGHER, 2018), a metodologia com base nas histórias de vida e a entrevista narrativa. Agora, no doutorado (em andamento), investigo a construção de saberes e conhecimentos na docência a partir do uso de biografias educativas (JOSSO, 2014). Os resultados serão compartilhados, possivelmente em estudos futuros, quando da sua finalização.

Métodos (auto)biográficos: entre aproximações e distanciamentos – uma professora em formação (permanente)

Nas próximas linhas, ao me⁴ propor a refletir sobre os caminhos investigativos que percorri tanto na Licenciatura Plena em Educação Física quanto no mestrado na mesma área, assumo desde já que “o que busco fixar não é o fato tal como foi, mas o fato como é agora, deformado, esforçando-me simplesmente em medir a margem que separa o fato tal como hoje o imagino do fato original” (LEIRES, 1994 apud LEJEUNE, 2008, p. 101). Afinal, “O passado não é o antecedente do presente, é a sua fonte” (BOSSI, 1979 apud SOARES, 2001).

Nesse retorno ao passado, ressalto que foi apenas nos últimos semestres dessa graduação que eu me aproximei do ofício de educadora como objeto de pesquisa e também como projeto de vida (2006/2007). Essa inclinação ficou mais evidente no processo de elaboração da minha monografia, pois, apesar de já atuar em ambulatório hospitalar com a fisioterapia⁵, eu cogitei que, se abarcasse um tema fundamentado nas ciências biológicas, eu me isentaria de um diálogo com as discussões pedagógicas, tão pertinentes a um curso de licenciatura.

Sendo assim, eu sistematizei algumas ideias a partir da leitura do livro “O professor de Educação Física e a construção do saber”⁶ (BORGES, 1995), e de conversas informais com amigas/os que já atuavam em escola. Em seguida, eu sondei o professor da disciplina *Educação Física Escolar II*⁷ e demonstrei o interesse em estudar a História de vida de professoras/es de Educação Física, a fim de compreender o processo de construção de suas práticas pedagógicas.

Naquele momento, já havia ali uma curiosidade e um interesse em aprender com as experiências das/os outras/os. Em consonância com Freire (2020, p. 81), “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também”. As ideias foram acolhidas pelo

⁴ Também em primeira pessoa do singular por se tratar, agora, da trajetória da Aline Britto Rodrigues.

⁵ Durante aproximadamente dois anos, estudei em dois cursos de graduação de modo concomitante. Assim, eu me graduei em Fisioterapia aproximadamente três anos antes de concluir a Licenciatura em Educação Física.

⁶ O texto apresentava a trajetória de vida de dois professores de Educação Física.

⁷ Ms. Francisco Eduardo Caparróz, da UFES.

professor, que indicou obras de autoras/es como Nóvoa (1992; 1995), Goodson (1992; 2004), Martinazzo (2000), Bolívar (2002), Soares (2001), Jean (1982), entre outras/os.

Ao associar a problemática que eu vinha delineando a essas novas leituras, confirmei o meu interesse pelo tema, além de verticalizar a fundamentação teórica para iniciar a pesquisa. A proposta inicial era investigar a história de vida de quatro docentes – dois no início da carreira e dois na etapa final do exercício da profissão – a fim de entender como a trajetória de cada um se relacionava às suas respectivas práticas pedagógicas.

Para selecionar as/os docentes para a composição do grupo, fui até a Secretaria Municipal de Educação (SEME) da cidade de Vitória/ES. Na ocasião, tentei priorizar docentes que trabalhassem fora da região de Goiabeiras, bairro em que a universidade está situada e cujas escolas são frequentemente visitadas com o mesmo objetivo: desenvolver trabalhos de conclusão de curso, além da realização de estágios supervisionados. Atentas/os aos meus critérios, as/os servidoras/es da secretaria indicaram oito profissionais, dentre elas/es quatro mulheres e quatro homens (RODRIGUES, 2007)⁸.

As/os oito docentes sugeridas/os pela SEME negaram, por razões diversas, o convite para colaborar com a pesquisa (RODRIGUES, 2007). Diante do curto tempo que temos para realizar um TCC e da minha incipiência como investigadora, suspeitei que essa proposta poderia incorrer em uma comparação desnecessária. Então, optei por reduzir o número de sujeitos para um, já que “não se pode comparar, particularmente quando se trata de pedagogia” (JEAN, 1982, p. 68).

Embora a SEME tenha contribuído com a minha solicitação, precisei buscar outras referências para desenvolver a pesquisa. Assim, realizei uma entrevista com o professor Ricardo⁹, da rede Estadual de Vila Velha, por influência de uma professora de Língua Portuguesa, amiga da minha família, que justificou a indicação com o tempo de trabalho do colega (aproximadamente vinte anos) e as boas relações constituídas na escola tanto com as/os servidoras/es quanto com as/os estudantes. Apenas uma entrevista foi realizada com ele. Eu me baseei, entre outros autores, em Goodson (2004), que afirma que o traço principal de uma investigação biográfica é a entrevista prolongada, que pode se subdividir em várias, nas quais o/a colaborador/a interatua com o/a investigador/a.

No tocante à mobilização de textos para fundamentar o trabalho, recorde-me ter encontrado apenas um artigo científico (no *Google*) que abordava os métodos (auto)biográficos, situação que

⁸ Esta referência é a monografia de Aline Britto Rodrigues. Como ela não foi publicada, não mencionaremos as informações completas na lista de referências. Para fins de registro, deixamos-la aqui: RODRIGUES, Aline Britto. *O itinerário pessoal-profissional e a construção da prática docente*. 2007. 70f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2007.

⁹ Nome fictício para preservar a identidade do docente colaborador.

sinalizo como desafiadora. Logo, com um referencial teórico composto basicamente por livros, concluí aquela etapa, conhecendo, inclusive, algumas críticas sobre as minhas escolhas metodológicas no cenário acadêmico, dentre essas a carência de objetividade dos dados, uma vez que as/os colaboradoras/es poderiam tender a um processo de memória seletiva (GOODSON, 2004).

Nas considerações finais daquele trabalho, eu concordei com Nóvoa (1995 apud RODRIGUES, 2007), quando defendeu que o desenvolvimento profissional das/os docentes precisa articular as escolas com os projetos de vida. Entendi também que era importante despertar nas/os professoras/es a vontade de refletir sobre suas trajetórias na relação com suas práticas curriculares. Essas reflexões poderiam contribuir com a produção de conhecimentos pedagógicos, para além daqueles antropológicos, históricos, psicológicos ou sociológicos no que diz respeito à docência.

No ano seguinte (2008), após a defesa da monografia, fui aprovada no processo de seleção do mestrado. Algumas mudanças ocorreram nessa fase. Em diálogo com a orientadora¹⁰, os objetivos da atual pesquisa deixaram de focalizar, principalmente, a prática pedagógica (como ocorreu na monografia) e se direcionaram à compreensão dos processos identitários que envolvem a constituição docente de uma professora de Educação Física.

A história de vida, assim como na graduação, foi uma das abordagens metodológicas de que me aproximei nessa nova etapa formativa. Outros estudos somaram-se aos anteriores, a exemplo dos desenvolvidos por Pineau (2006), Josso (2004; 2006; 2008), Dominicé (2006) e Souza (2006). Isso ocorreu de modo articulado aos princípios da etnometodologia (COULON, 1995, 1995a; 1995b; MACEDO, 2000), ou seja, a observação participante na escola foi um dos instrumentos adotados no processo de elaboração da dissertação.

De antemão, o processo de escolha da professora colaboradora ocorreu com a retomada do contato com uma das docentes sugeridas pela SEME, que, novamente, se negou a participar. Nesse período, eu conheci a Jaqueline¹¹, que, além de atuar na escola, trabalhava na Secretaria de Educação da rede municipal de Vila Velha/ES, como dinamizadora da formação de docentes do componente curricular da Educação Física. A nossa aproximação inicial ocorreu durante um curso de formação de tutoras/es para atuar no Pró-Licenciatura em Educação Física da UFES¹². Os seus relatos durante o compartilhamento das experiências daquele grupo me chamavam a atenção pela

¹⁰ Profa. Dra. Fernanda Simone Lopes de Paiva.

¹¹ Nome fictício utilizado para preservar a identidade da professora colaboradora. Eu a conheci durante um curso de formação de tutoras/es para atuar no curso de Pró-Licenciatura em Educação Física da UFES.

¹² Programa financiado e incentivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que concede bolsas a estudantes de licenciatura das Instituições de Educação Superior (IES), ao/à Professor/a Coordenador/a e ao/à professor/a supervisor/a das escolas parceiras ligadas à educação básica da rede pública de ensino (CAPES, 2013). Foi um curso oferecido no âmbito de um Programa do Governo Federal denominado Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício nos Ensino Fundamental e Médio (Pró-Licenciatura).

variedade de elementos da cultura corporal que ela tematizava em suas aulas e também o modo como isso acontecia – do meu ponto de vista, inovador.

Assim, fui até a secretaria para consultá-la sobre indicações de possíveis colaboradoras/es, que tivessem engajamento/comprometimento com a Educação Física Escolar. Durante a conversa, ela prontamente se colocou à disposição para participar. Essa proposição, de início, me gerou dúvida, todavia, eu aceitei, pois as minhas perspectivas sobre os métodos (auto)biográficos transformaram-se à medida que eu estabelecia diálogos com novas/os autores/as, o que validava, de certo modo, aquele aceite.

Tomo como exemplo a perspectiva de Bogdan e Biklen (1994), os quais entendem que, de forma geral, as/os pesquisadoras/es que optam pelo método das histórias de vida encontram a/o participante ao acaso e observam se ela/e apresenta experiências que interessam à pesquisa. Considerei, então, os seguintes aspectos relacionados à colaboradora que eu “encontrei” (ou que me encontrou?): a) o seu tempo de experiência na escola (quase vinte anos); b) a sua posição de referência na formação de professoras/es de Educação Física na rede de ensino em que atuava; e c) a sua disponibilidade/vontade em colaborar.

Ainda nesse caminho metodológico, realizei quatro entrevistas com a colaboradora, sobretudo no âmbito da informalidade, com muitas trocas de informações durante caronas e recreios da escola. Segui, desse modo, imersa nessa curiosidade e com esse interesse em aprender com as/os outras/os, amando o mundo, “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2020, p. 111).

O uso da etnometodologia, que incluiu observar a Jaqueline na escola, me possibilitou estreitar minhas lentes para o processo de constituição das identidades da professora, com base não apenas nas entrevistas, mas também na instituição em que exercia a docência, inclusive com as/os outras/os, com que atuava naquele espaço e tempo. As reflexões ali suscitadas alimentavam os meus diários de campo, que apresentavam tanto elementos descritivos como reflexivos. Esses textos eram somados às informações das entrevistas.

A transcrição dessas entrevistas e, posteriormente, a análise do conjunto de dados eram compartilhadas com a professora. Outros diálogos aconteciam com base nas suas leituras. Houve momentos em que ela relatou emoção ao ler, assim como houve validações, acréscimos de informações e, em alguns casos (poucos), reconsiderações. Entre textos e contextos, na condição de pesquisadora, eu ainda não havia construído experiências com a Educação Física Escolar.

Dessa forma, eu me projetava naquele lugar (escola) e me questionava: como eu iria constituir as relações, tanto pessoais como profissionais, naquele espaço? Como eu estaria ao somar duas décadas de experiência naquele lugar que sempre me foi tão caro? Embora a organização

didática dos conteúdos não fosse o meu objeto de estudo, pensar nessa seara que também compõe o educar me inquietava.

Já nas conclusões da dissertação, defendi, tal como Wittizorecki et al. (2007), que esse movimento de lembrar/esquecer identificado nas narrativas favorece a construção de sentidos atribuídos às vivências e aos acontecimentos. O processo de elaboração das narrativas não resulta em conclusões inquestionáveis e definitivas, uma vez que, reescritas em outro momento histórico, poderiam apresentar outras demarcações e outras omissões. No texto, ressalté ainda que o entrecruzamento de trajetórias tão singulares com as quais a professora Jaqueline se deparou pode desvelar muitas outras histórias, de países, de cidades, de processos educativos, de Educação Física e, principalmente, de vidas (RODRIGUES, 2010), incluindo a de quem (se) investiga e (se) forma.

Em diálogo com as experiências de vida e formação de um professor e de uma professora de Educação Física nas situações das duas pesquisas relacionadas, reconheci pessoas, lugares e leituras que me aproximaram do método (auto)biográfico e da docência. Compreendi também que as nossas escolhas nem sempre são fatalistas e que (se) formar é uma constante que se alimenta de relações colaborativas, tanto em processos investigativos formais como no ato de lecionar.

Por ora, os meus estudos de doutorado não contemplam as perspectivas metodológicas adotadas anteriormente, no entanto, tenho investido em uma (re)aproximação, através de pesquisas de iniciação científica que focalizam as experiências de estudantes da educação básica. Como essa experiência encontra-se em andamento, o seu compartilhamento possivelmente ocorrerá em outra ocasião.

(IN)CONCLUSÕES

No diálogo com as nossas escolhas teóricas e metodológicas realizadas durante a formação inicial e a pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) em Educação Física, observamos que a utilização dos métodos (auto)biográficos pode orientar e instigar caminhos variados, seja na perspectiva de práticas de formação, seja na de práticas de investigação no campo da pesquisa. Assim, cada uma de nós, com sua respectiva história, trilhou o seu próprio percurso formativo e investigativo na interface com as opções escolhidas. Logo, as experiências que constituímos apresentaram sentidos e significados particulares.

Como prática de investigação utilizada na formação profissional, é possível perceber as lacunas, as dificuldades, os receios que se inscrevem no momento de reflexão e escrita da própria história, das próprias experiências. À medida que isso se impõe como recurso/ferramenta

pedagógica na formação de adultos, é possível reconhecer quando a escrita rompe com a pressão institucional, assume o potencial formativo e “se deixa envolver pelo encantamento estético e ético de fazer da vida intelectual e profissional um texto acadêmico como arte autoformadora da existência” (PASSEGGI, 2010, p. 37).

O trabalho com as histórias de vida colabora com a compreensão de trajetórias docentes, bem como com a produção de reflexões sobre como nós temos chegado às salas de aula, sobre o que nos leva a ser como somos e/ou como poderíamos chegar a ser de outro modo (BUTT et al., 2004). Isso vale para todas/os que se envolvem efetivamente com o processo de investigação e formação, o que inclui a/o próprio/a pesquisador/a. Quando associada a outros recursos, a exemplo da observação, torna-se possível a construção de relações entre elementos que emergem nas entrevistas e o cotidiano docente, embora reconheçamos que nem sempre o objeto de estudo da investigação em questão sugira essa interlocução.

Entre as nossas aproximações e distanciamentos dos métodos (auto)biográficos, passamos a atuar na docência nos diferentes níveis de ensino. Nesse processo, destacamos que a utilização dos métodos (auto)biográficos nos permitiu ressignificar o ser e o estar na profissão, não mais pelo foco da/o outra/o, mas sim com o foco em nós mesmas, o que gera em determinada medida possibilidades emancipatórias de ser professor/a. As diferentes formas de chegada são influenciadas pelos diversos espaços formativos com os quais nos relacionamos, o que excede o tempo da formação inicial.

Ao mesmo tempo, reconhecemos que os distanciamentos foram provocados pela jornada de trabalho, demandas burocráticas atreladas à docência e pelo próprio processo de (re)construção da identidade docente ao lecionar em diferentes contextos educacionais, o que inviabiliza pesquisar de modo sistemático em espaços de interações e reflexões tão necessários na utilização dos métodos (auto)biográficos.

Dentre as dificuldades encontradas durante os nossos percursos formativos e investigativos, citamos o fato de que, inicialmente, desconhecíamos os métodos (auto)biográficos, além de haver pouco referencial teórico e poucas iniciativas de trabalhos acadêmicos no contexto institucional ao qual estávamos vinculadas. Citamos também as resistências e os receios, ou seja, a timidez na exposição das ideias e o temor em constituir um roteiro piegas. Esses sentimentos acompanhavam os momentos de reflexão e escrita da própria história e prática. Soma-se ainda a desconfiança de algumas/alguns colegas de academia, no sentido de questionarem a cientificidade e a validação dos estudos que propomos.

A problemática anunciada ao longo do texto levou-nos ao encorajamento em realizar estudos e pesquisas que centralizavam os sujeitos, suas histórias de vida e as suas experiências,

tendo como suporte as possibilidades metodológicas e formativas. A centralização dos sujeitos nesse processo possibilitou a abertura de caminhos para repensar a formação de professores/as e o levantamento de novas problemáticas que atravessam à docência em Educação Física, ou seja, ao tomarem as experiências formadoras e narrativa como elementos nas práticas de investigação-formação, observamos diferentes maneiras de construção da profissão docente, entre continuidades, mudanças e rupturas. Esse olhar ganha intensidade à medida que, ambas as autoras, passaram a atuar na formação de professores/as e compreender a relação intrínseca entre as trajetórias das/os discentes e a construção de seus saberes. Esse movimento foi possível de ser observado com o aumento do número de trabalhos e pesquisas que recorreram aos métodos (auto)biográficos nos últimos anos no campo da formação de professores/as (PASSEGI; SOUZA, 2017).

Contudo, Frison (2014) identifica que já há um fértil desdobramento de pesquisas dessa natureza em Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)biográfica e ressalta a criação, em 2008, da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph). Dessa maneira, a produção de conhecimento na área segue nos convidando a revisitar nossos próprios percursos formativos e também a de outras/os, o que inclui desde estudantes da educação básica e da graduação até professoras/es em exercício. Essas são reflexões em tessitura, que almejamos compartilhar em um futuro breve. Vale ressaltar, por fim, que essas opções teóricas e metodológicas visam pôr em cena o protagonismo docente na construção de seus percursos formativos, localizando seus limites, desejos e potências.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 336 p.

BOLÍVAR, Antonio. (Org.) **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002. 234 p.

BUTT, Richard et al. La autobiografía colaborativa y la voz del profesorado. In: GOODSON, Ivor. **Histórias de vida del profesorado**. Barcelona: Octaedro, 2004, p. 99-146.

CHENÉ, Adele. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 2010. p. 121-132.

CUNHA, Maria Isabel da. Lugares de formação: tensões entre a academia e o trabalho docente. In: DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas et al. (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 129-149.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr., 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>>. Acesso em: 07 fev. 2022.

FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 14, n. 1, p. 85-110, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2395>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

FONTANA, Roseli Aparecida Cação. **Como nos tornamos professoras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 208 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. A pesquisa (auto)biográfica no contexto do V CIPA em um trabalho em rede. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva. **Pesquisa (auto) biográfica, fontes e questões**. Editora CRV: Curitiba, 2014, p. 97-112.

GARCIA, Regina Leite. **Para quem pesquisamos e para quem escrevemos: o impasse dos intelectuais**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003, p. 11-36.

GOODSON, Ivor. **Historias de Vida del Profesorado**. Barcelona: Octaedro EUB, 2004.

GOODSON, Ivor. **Conhecimento e Vida Profissional: Estudos sobre Educação e Mudança**. Porto: Porto Editora. 2008.

JEAN, Georges. **El professor: Su cultura personal y su accion pedagógica**. Narcea, 1982.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: GASKELL, George; BAUER, Martin. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 3, p. 413-438, mar. 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741>>. Acesso em: 01 out. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2014. p. 57-76.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

LINHARES, Célia; NUNES, Clarice. O memorial: lugar de reinvenção da trajetória de educadores. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: Editora da UFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 31-42.

MARTINAZZO, Celso José. (Org.). **Histórias de vida de professores**: formação, experiências e práticas. Ijuí: UNIJUÍ. 2000.

NÓVOA, António (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto, 1992.

NÓVOA, António. A formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 2010.

PAIVA, Fernanda Simone Lopes; ANDRADE FILHO, Nelson Figueiredo; FIGUEIREDO, Zenólia Christina Campos. Formação inicial e currículo no CEFD/UFES. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 213-230, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/feff/article/view/170>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancellaria; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re) conhecimento. **Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 19-42.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 203-218.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, mai./ago., 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8697>. Acesso em: 9 jun. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e o poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**. v. 17, n. 44, p. 1-21, jan./mar., 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/issue/view/441>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. In: **Revista Investigacion Cualitativa**, Bahia, v. 2, n. 1, p. 6 -26, 2017.

PLOTEGHER, Ândrea Tragino. **Espaços/Tempos de Formação Inicial**: a constituição de experiências em um curso de Licenciatura em Educação Física. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

PLOTEGHER, Ândrea Tragino. **Licenciatura em Educação Física**: percursos construídos a partir de experiências formadoras dos docentes em formação. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018.

RODRIGUES, Aline Britto. **O itinerário pessoal-profissional e a construção da prática docente.** 2007. 70f. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2010.

RODRIGUES, Aline Britto. **A constituição docente de uma professora de Educação Física: ligando trajetos formativos.** 2010. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos, Vitória, 2010.

SOARES, Magda. **Metamemória, Metamemórias:** Travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TARTUCE, Gisela Lobo; DAVIS, Claudia Leme Ferreira; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. Dispositivos formativos nas licenciaturas: análise de experiências brasileiras à luz da literatura francófona. **Educação em Revista [online]**, Belo Horizonte, v. 37, p. 1- 21, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/7FCf5XtfZymkPwx6Sx9jDWJ/?lang=pt#>. Acesso em: 21 abr. 2022.

WITTIZORECKI et al. Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 9-33, dez. 2007. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2904>>. Acesso em: 03 jul. 2021.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES - Não há conflitos de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 12.10.2023

Aprovado em: 02.03.2023